

ATA 132ª REUNIÃO PLENÁRIA ORDINÁRIA DO CONFEMA REALIZADA EM 27/04/2018

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Bom dia a todos. Iniciamos a 132ª reunião plenária ordinária do Conselho do Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da cidade de São Paulo, no dia 27/4 de 2018, sexta-feira, às 10 horas, aqui no auditório do Edifício Martinelli. Passo a palavra nesse momento ao nosso Chefe de Gabinete, Senhor Rodrigo Ravena.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Bom dia a todos, agradeço a presença. Espero que a gente tenha uma reunião profícua e rápida. A gente tem um item só na pauta. Então, vamos dar andamento. Devair com a palavra.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Vamos passar ao primeiro item do expediente: aprovação da Ata da 131ª reunião ordinária. Vamos à votação. Os Conselheiros favoráveis à aprovação da presente Ata, permaneçam como estão. A Ata da 131ª reunião ordinária do CONFEMA foi aprovada por unanimidade. Seguindo para o segundo item do expediente: sugestão e inclusão de pauta. Os Conselheiros têm alguma sugestão? Vamos passar, então, ao primeiro item da ordem do dia: apresentação da proposta Biodiversidade do Trianon e retomada do enriquecimento da vegetação e controle de invasão biológica no Parque Municipal Tenente Siqueira Campos, São Paulo, SEI 6027, de 2018/00000530-3. Passo a palavra à Senhora Andrea Bossi, do DEPAVE 5, que irá apresentar o projeto. Por favor, com a palavra.

Andrea Bossi - Bom dia a todos e todas, acho que algumas pessoas já me conhecem. Tem alguns rostinhos que eu lembro do CADES, tem alguns rostinhos em uma reunião do CONFEMA que nós fizemos lá no 11º andar da SVMA. Eu não vou me alongar na justificativa do projeto, porque a maioria conhece. Eu vou fazer uma breve passagem da problemática e já vou entrar no projeto e caso haja alguma dúvida com relação ao que está ocorrendo no parque, aí a gente abre para as questões, que eu acho que já é o procedimento aqui da reunião do CONFEMA. Tudo bem para vocês? Então, vamos lá. Esse projeto ele está sendo desenhado já há alguns anos com muito cuidado, que a gente denominou com esse título, para apresentar ao FEMA. *A gente pode passar.* Em linhas gerais: o Parque Trianon, que é o único remanescente da Mata Atlântica que a gente tem na cidade de São Paulo dos central, ele é uma mata heterogênea, tem uma área de quarenta e oito mil metros quadrados, aproximadamente, e, atualmente, a gente está sofrendo uma perda expressiva da biodiversidade devido à introdução de algumas espécies exóticas. Algumas delas elas não têm o poder de invasão, de fazer um grande estrago com a biodiversidade. A gente tem várias espécies aqui, que são bem conhecidas, até algumas históricas, como o cafeeiro, que a gente não se preocupa tanto, apesar de a gente ter a intenção de remanejar de uma maneira adequada para que a gente retome a Mata Atlântica original. A nossa preocupação maior é com essa espécie, que é a palmeira australiana. Ela foi introduzida no Brasil porque ela é muito bonita, os paisagistas gostam muito e realmente ela é bela, porém ela tem o poder de disseminação muito rápido. Então, o que que está acontecendo no Trianon? A gente está tendo uma tomada de todo o sub-bosque por essa palmeira. Ela tem um crescimento muito acelerado; a semente dela ela aparece praticamente o ano inteiro, os passarinhos adoram. Apesar do palmito-juçara ser mais nutritivo que essa sementinha aqui da seafórtia, como ela está disponível os passarinhos vão lá comem, fazem o cocozinho delas e vão esparramando. Isso a gente na cidade, nos bairros e a gente vê nos quintais, a gente vê nos jardins dos prédios essa árvore. Então, é difícil controlar mesmo. O que acontece? Ela vai sombrando a mata. As espécies heliófitas, que são aquelas que precisam de sol para nascer, elas não se desenvolvem, as folhas caem, abafam as mudinhas, as plântulas e aí você vai tendo uma perda de Mata Atlântica e vai ficando com um bosque de seafórtias e a gente vai perdendo em biodiversidade. Inclusive avifauna também sofre com isso. *A gente pode passar.* Em linhas gerais, que a gente fez um levantamento em quatro lotes, a gente teve um crescimento de 2013 para 2017 - que a gente fez a contagem o ano passado - de oitenta e sete, em quatro lotes, a gente teve um pulo de cento e noventa e sete exemplares, árvores. A gente teve um crescimento de mais de duzentos por cento de indivíduos da seafórtia. Então, é um crescimento muito assustador. *Vamos passando.* Esse aqui é o retrato. Eu acho que esse daqui eu não mostrei nas últimas reuniões. Talvez no CADES eu mostrei. Quem tiver curiosidade, eu trouxe um mapa. Você abre para mim? Para vocês terem a dimensão do que que está acontecendo. Essa é a imagem desse mapa. Nós fizemos um censo, que começou em meados de 2017, terminamos no começo desse ano e mapeamos todas as

seafórtias adultas, ou seja, aquelas que tem um DAP, que é o diâmetro altura do peito maior que cinco com altura maior que dois metros. Eu não estou falando das pequenininhas, dos bebês, das juvenzinhas. Estou falando só daquelas que são consideradas exemplares arbóreos pela Lei 10.365. Então a gente tem essa catapora toda aqui no parque, então a situação é grave. E a gente tem aproximadamente árvores adultas da seafórtia tomando o parque. *Pode passar.* Esse é um retrato. Essas apresentações vocês já viram algumas. A gente tem essa visão homogênea de uma série de palmeiras que estão predominando a paisagem do Parque Trianon. *Vamos lá.* Mediante esse cenário, a gente tem um objetivo com esse projeto que nós estamos submetendo ao FEMA porque com os nossos serviços de manejo do parque, a gente não consegue controlar essa invasão biológica. Vou dar um exemplo: o Parque Buenos Aires, a gente está começando uma invasão. Então, a gente consegue, com poucas árvores, se a gente não tira a palmeira - porque é um parque tombado -, a gente tira um fruto, você consegue ir controlando. Quando você pega no começo a invasão, você vai controlando de alguma maneira, vai tirando aos poucos e elimina. O que ocorre no Trianon já não é isso. A gente tem setecentas árvores, a gente não tem como eliminar isso com o nosso contrato, que tem que abranger uma região toda, que é a Centro-oeste. Então, a gente não dá conta de controlar isso com as nossas próprias mãos, os nossos próprios recursos. Então estamos precisando de ajuda. *Vamos lá.* O que que a gente tem aqui: objetivos. São três objetivos. O primeiro deles é a gente controlar mesmo. É uma coisa radical, porém paulatina. Em vinte e três meses, a gente espera eliminar todos esses indivíduos adultos que eu comentei com vocês. *Próximo.* Promover o enriquecimento da vegetação, porque eu tiro árvore, eu tenho que repor. Eu não posso tirar tudo isso ao mesmo tempo. A gente está dividindo: um mês tira, outro mês repõe árvores nativas e aí, num período de vinte e quatro meses, a gente vai ter um enriquecimento da vegetação, porque a gente vai plantar oitenta e cinco espécies. Eu não estou falando indivíduos. São espécies que já foram selecionadas pelo Herbário Municipal. Eles fizeram um estudo e já temos uma relação de espécies adequadas para o Parque Trianon, onde a gente vai substituir o que tiramos. Tiramos setecentas árvores, claro que a gente não consegue colocar setecentas árvores no Trianon porque é invasão, senão a gente vai sobrepovoar o parque. E aí vamos escolher uma outra área, de preferência próxima, para plantar o remanescente, porque a gente também tem que atender a 10.365 no que diz respeito à reposição de supressão. E, o terceiro objetivo, é aproveitar essa experiência para difundir conhecimento a respeito de invasão biológica, porque eu acho que muita gente vai me perguntar aqui - e uma coisa que eu me pergunto também - puxa vida, mas a gente esperou tanto tempo para tomar uma atitude? O que que está faltando para nós? Será que falta um pouco de conhecimento, um pouco do olhar, um pouco de treinamento dos profissionais que trabalham com arborização urbana? Às vezes sim. Às vezes são outras questões: de gestão, falta de recursos - não quero entrar nesse mérito -, mas é importante divulgar esse conhecimento. Com essa experiência, que a gente está tendo o apoio inclusive da USP, do Instituto de Biociências, a professora Vânia Pivello, que já fez um trabalho similar na Cidade Universitária, a gente vai promover um curso para aproximadamente cem profissionais, a gente vai criar um manual de identificação de invasão biológica, porque não é só a seafórtia. A gente tem um problema sério nos parques também, que é a leucena, a gente tem invasão biológica por capim, braquiária, dependendo do parque, a gente tem invasão por espécies aquáticas. A gente tem muitos parques nas orlas das represas. Então, vamos aproveitar esse conhecimento, essa experiência. Esse é um projeto até inovador aqui para a cidade para poder difundir o conhecimento a respeito dessa problemática. Curso, manual e, óbvio, a gente tem que ter um trabalho de sensibilização ambiental, de comunicação com o público e isso tudo está incluído nesse terceiro objetivo. *Vamos lá que está acabando o meu tempo aqui.* A gente dividiu o projeto em quatro fases, apesar de serem três objetivos. A fase um vai ser as atividades voltadas à intervenção na vegetação, seja a supressão das seafórtias, o manejo das outras espécies exóticas e o plantio das espécies nativas e o seu manejo, os seus cuidados e sua conservação. A fase dois seriam as produções de peças de comunicação visual que vão estar no parque, porque as pessoas têm que saber o que está acontecendo no parque. A execução do curso de capacitação seria a fase três e a fase quatro seria a elaboração e impressão do manual que a gente pretende distribuir para os profissionais que vão participar do curso, Divisões ou Departamentos da Prefeitura e demais interessados no assunto de arborização urbana. Pensando nessas quatro fases, nós fizemos o orçamento. Teve ajuda da comunicação, teve ajuda da UMAPAZ, principalmente DEPAVE 5, com a equipe de contratos, porque a gente está mexendo com uma coisa grande e dividimos o projeto para ele ocorrer com desembolso

bimestral porque fica mais fácil para a gente controlar esse fluxo financeiro. Conversando com os meninos que são especialistas, a gente decidiu fazer dessa maneira. Cada fase ela tem um valor. Vocês têm aí, acho que todo mundo teve acesso ao projeto. Não vou entrar nesses detalhamentos. Se alguém tiver alguma dúvida, a gente esclarece depois. Acho que é isso, de modo geral. O valor do projeto ele ficou em torno de um milhão e oitocentos para acontecer em dois anos. *Acho que podia voltar só um.* Sendo que em cada fase a gente tem um desembolso. Eu devia ter colocado, na verdade, um total ali. Faltou uma tabela para ficar mais fácil visualizar. Se precisar, eu posso corrigir para vocês depois. Depois que eu estava montando a apresentação, eu percebi que faltou ali para ter uma dimensão do desembolso bimestral que seria. Mas eu posso mandar para vocês depois. Mas também é só pegar uma calculadora e a gente faz. Esse dinheiro vai ficar diluído aí nos vinte e quatro meses para a gente poder executar. Por que vinte e quatro meses? A gente discutiu muito isso com a professora Vânia Pivello. É um período que a gente consegue fazer esse combate. A gente vai tirando, claro, vai plantando e vai monitorando. Com vinte e quatro meses, a gente consegue - eu não vou dizer erradicar, porque a invasão biológica pela seafórtia é como se fosse um câncer mesmo. Sempre vai ter uma célula ou outra que pode estar ali e pode crescer novamente, então com vinte e quatro meses a gente tira o grande problema e depois disso, com as nossas equipes - que já são usual no parque - a gente consegue fazer uma manutenção manual, com menos pessoas. Nasceu uma plântula, que sempre vai sobrar uma sementinha na serrapilheira. Então, a gente vai lá e tira, então a gente consegue fazer esse trabalho após esse primeiro momento aí, que vinte e quatro meses, metodologicamente, é o ideal, de acordo com os especialistas da área. Eu tentei ser breve aqui. Eu abro aqui para o próximo passo.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Nós vamos abrir agora para o assistente técnico do CONFEMA, o Senhor Marcus Vinícius, para fazer a leitura do parecer técnico e, logo após a leitura, nós vamos abrir para os questionamentos.

Marcus Vinícius - Bom dia Senhoras e Senhores Conselheiros, meu nome é Marcus Vinicius, trabalho no DPP 2 - FEMA. Eu vou fazer a leitura do parecer da CAV. Comissão de Avaliação Técnica de Projetos - CAV. Parecer técnico. A proposta é Biodiversidade do Trianon em retomada, enriquecimento da vegetação e controle de invasão biológica no Parque Municipal Tenente Siqueira Campos, em São Paulo. O número do processo SEI é 6027.2018/0000530-3. Proponente: SVMA - DEPAVE 5. O valor total do projeto é de R\$ 1.872.564,88. Tópico 1: análise da proposta. Trata o presente projeto do enriquecimento da vegetação e controle da invasão biológica no Parque Municipal Tenente Siqueira Campos, em São Paulo, com duração de vinte e quatro meses. Documento SEI número 7185375. O projeto objetiva a recuperação da biodiversidade do Parque Trianon por meio de controle de invasão biológica e reposição de espécies vegetais nativas de domínio atlântico ocorrente na região, conforme documento SEI 7185375. Tópico 1.1: análises econômicas orçamentárias da proposta. A presente proposta origina-se da solicitação de SVMA - DEPAVE 5. O montante é de R\$ 1.872.564,88, conforme cronograma de desembolso SEI número 7185375. Tópico 2: enquadramentos nas diretrizes, objetivos e princípios da Política Municipal do Meio Ambiente e do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA) na legislação ambiental vigente, bem como nas diretrizes. Prioridades e programas de alocação de recursos estabelecidas pelo CADES. Segundo projeto número SEI 7185375, a presente proposta se enquadra no item 1 - proteção e defesa da biodiversidade, fauna e flora, áreas verdes e parques urbanos lineares e naturais das diretrizes deliberadas e aprovadas pelo CADES no exercício das atribuições previstas no artigo 32 da Lei 14.887 de 2009 e artigo 135, inciso 1º, do Decreto número 52.153, de 28 de fevereiro de 2011, por meio da resolução número 188/CADES/2018, assim como no artigo 57, inciso 2, da Lei número 14.887, de 15 de janeiro de 2009, que reorganiza Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, que determina explicitamente que os recursos do Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável destinam-se precipuamente a apoiar e, entre outros, o desenvolvimento sustentável de planos, programas e projetos de manutenção, melhoria e/ou recuperação da qualidade ambiental. Tópico 3: conclusão. Com base no exposto no presente processo e relatório, a CAV considera que a proposta atende às diretrizes anuais estabelecidas para o exercício de 2018 aprovada pelo CADES, assim como a lei que trata da utilização dos recursos do FEMA. Assim sendo, a CAV recomenda o projeto com base no exposto no presente processo e relatório, por

entender que o projeto em questão se enquadra nos termos das diretrizes deliberadas e aprovadas pelo CADES. Comissão Técnica de Avaliação CAV, São Paulo, dia 20 de abril de 2018.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Com a palavra, o nosso Chefe de Gabinete, Senhor Rodrigo Ravena.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Andrea. Primeiro, para dar parabéns para a equipe toda. Eu acho que o projeto está super bem montado e acho que ele é um exemplo daquilo que a gente precisa fazer pensando na meta arborização. Arborização não é plantar em qualquer lugar. Então, acho que isso... Isso é uma diretriz que o Prefeito deu na última reunião, quinta-feira passada, e eu vou pedir... Vocês serão mais demandados. Eu acho que esse projeto é importantíssimo, mas eu estou propondo que ele sirva meio de parâmetro para a gente encaminhar alguns modelos de arborização que estão em curso na Secretaria. Não é sair plantando em qualquer lugar porque não vai dar certo e a orientação que veio do Gabinete a semana passada, o Gabinete do Prefeito, foi essa. A gente alinhou quatro pontos principais, entre eles arborização, que é a meta. Infelizmente, a gente tem uma meta. Tudo bem, vamos cumprir, mas a gente pode cumprir a meta agregando valor ao cumprimento da meta. E é isso aí que eu acho que o Gabinete está pensando, eu acho que isso é importantíssimo, isso mostra a cara da Secretaria, isso dá a possibilidade de a gente fazer uma política transversal de meio ambiente na cidade. É isso que a gente quer, porque engloba tudo aquilo que a gente acha que tem que ter. Então a fala era para dizer para ... sem dúvida nenhuma, é só para parabenizar pelo serviço e dizer que, diante do bom serviço, ele será reproduzido.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Com a palavra, os Senhores conselheiros. Sueli Rodrigues, CEMAIS, por favor.

Cons. Sueli Rodrigues - Bom dia a todos. Eu gostaria de saber... eu não vi o número de espécies que vão ser retiradas. Eu vi o processo, mas não vi a quantidade.

Andrea Bossi - Andrea, DEPAVE 5. A gente tem setecentas seafórtias adultas que serão retiradas. Eu arredondei esse número, porque provavelmente quando começar o projeto a gente vai ter um pouquinho a mais, mas é quase isso. O Parque Trianon ele tem dois lotes: um que fica colado na Avenida Paulista e outro entre a Alameda Santos e ali atrás do Dante. Na área um, a gente quatrocentos e seis indivíduos e na área dois, a gente tem duzentos e oitenta e sete.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Mais alguma manifestação dos Senhores conselheiros? Senhor Alessandro Luis Azzoni, CADES.

Cons. Azzoni - Bom dia. Só fazendo uma menção que foi feito na apresentação do CADES pelo Conselheiro Moliterno, que era a seguinte: a questão das áreas vizinhas, que são os edifícios que também foram vítimas da proliferação, que fosse feita alguma concessão de que eles não entrassem naquele processo todinho de compensação ambiental para retirar uma espécie que é invasora. Que também fosse extensiva para esses prédios vizinhos que foram vítimas da invasão, que seria extensivo.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Posso falar? Eu acho que - metendo o bedelho num projeto que eu não fiz - a parte final do projeto é conscientização e educação ambiental e o que seja. E o que seja, não, é a parte que talvez seja essencial. Envolver o entorno é necessário. Então, a gente pode montar um projeto que complementar a esse, a gente traz para o Conselho. A gente limpa o Trianon - conheço bem a região ali - e igualzinho o prédio do lado tem quatro. Aí, das quatro, voltam as trezentos e sessenta.

Cons. Azzoni - Exatamente, era essa a ideia.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Eu acho que a gente pode, a partir do início da implantação deste projeto, pensar num subseqüente que, aí sim, dispense o manejo no limite extremo, mas que exija a reposição de exemplar de Mata Atlântica nesses condomínios. Acho que não tem problema nenhum, cabe, está dentro do que o PMMA prevê, está dentro da política geral de arborização. Acho que a gente pode ir montando programas complementares porque a ideia é essa: é que tudo se complemente. Acho que é essa ideia.

Cons. Azzoni - Perfeito. É isso mesmo.

Andrea Bossi - Posso fazer um comentário? Andrea, DEPAVE 5. Ali no entorno... Eu não tenho um diagnóstico da invasão biológica nos condomínios, eu tenho uma visão do bairro onde eu moro. As árvores seafórtias elas foram plantadas deliberadamente com o contexto paisagístico. Agora, o que a gente pode fazer é um trabalho de sensibilização para utilização de espécies nativas, acho que isso é muito importante. Com relação - vamos supor - se o condomínio tem interesse em fazer uma troca de exemplares, a gente tem que lembrar que tem uma portaria que rege isso. A gente não pode esquecer que a gente vai ter que seguir a lei. Tem uma portaria que a pessoa que quer fazer um... Apesar que não chega a ser uma invasão dos condomínios. A gente vai ter exemplares isolados. Aí acho que cabe a Secretaria avaliar caso a caso, sem esquecer que já tem uma diretriz para isso, mas é importante. Com certeza, a comunidade vai estar junto, porque a Avenida Paulista tem um pessoal muito articulado e muito parceiro. Eles vão ajudar muito a gente nessa sensibilização que vocês estão comentando.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Andrea, a orientação e o pedido... Rodrigo Ravena, Chefe de Gabinete. Óbvio que a gente pensar paralelamente à sensibilização do entorno e aquele que voluntariamente entender que isso é importante para a região, a gente pode pensar num projeto diferente. Não vou entrar em condomínio nenhuma mandando o cara arrancar o que está lá. Acho que não é esse o caminho. Se o condomínio não quiser mexer, não vai mexer e a gente toma conta do parque. É essa a nossa função, mas, se neste movimento que você vai fazer, como você mesmo disse, e necessariamente terá que envolver o entorno, porque o entorno ativo com isso, se não envolver, não vai funcionar. E, se nesse envolvimento do entorno, a gente tiver a vinda voluntária de quem está no entorno pedindo, a gente pode estudar um encaminhamento de uma solução especial, que não vai valer como uma portaria para a cidade inteira, vai valer para aquela ação. É nesse sentido.

Cons. Azzoni - Azzoni, do CADES. É exatamente o meu ponto era esse, Ravena, obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Com a palavra, a Conselheira Magna Tavares, CIRANDA.

Cons. Magna Tavares - Bom dia. Andrea, eu sei que você já tinha apresentado e existe a preocupação... Porque tem pessoas que quando começar a ver o corte das árvores, não vai entender. Essa fase dois vai caminhar junto com a retirada? Como que vai ser? Porque a gente sabe que também tem isso em outros parques, que a gente precisa começar, talvez até tardiamente, fazer a retirada dessas espécies invasoras.

Andrea Bossi - Andrea, DEPAVE 5. Esse é um ponto fundamental que você tocou. A primeira preocupação da equipe foi começar um trabalho de sensibilização, de divulgação, de comunicação. A gente já está fazendo isso tem um ano. Quando a gente retomou, resgatou - na verdade a gente está resgatando um projeto que não é de hoje. A gente precisava tomar uma atitude. Ok, é um projeto polêmico sim. Eu também já fiquei em volta de árvore quando era mais jovem. Tem gente que quer defender o ser vivo. Conforme a gente vai criando conhecimento, a gente vai entendendo algumas coisinhas na vida e nem todos estão nesse momento. A gente precisa ajudar as pessoas a entenderem a importância, às vezes, de você retirar alguma coisa para colocar outra no seu lugar. Já se começou, sim. A gente fez, no ano passado já, participou de um Fórum de Sustentabilidade que foi promovido pela Associação Paulista Viva. Eles têm um poder de inserção, de comunicação ali na região muito forte. Então, já se começou a divulgar com esses parceiros. A SOS Mata Atlântica também está parceira. Então, eles também têm esse poder de comunicação fortíssimo. A bandeira deles é conhecida no Brasil todo, então eles também são parceiros, estão nos ajudando. Já desde o ano passado começou, fizemos eventos já de plantios de palmito no ano passado no Dia do Meio Ambiente - estamos começando a fazer um trabalho de voluntariado - ainda está sendo elaborado, sendo pensado. Então, toda essa sensibilização já está ocorrendo antes da gente começar essa supressão, que ela é polêmica, sim, e não dá para negar. O ano passado já tinha gente dizendo que a gente estava tirando árvore. A gente não tirou nenhuma ainda. O telefone sem fio ele é poderoso, né? A nossa preocupação com a sensibilização, educação ambiental é muito forte. O Colégio Dante também já está parceiro ali. O envolvimento do entorno já existe. Então, a gente vai estar sempre tomando cuidado. A fase de comunicação ela vai começar antes de tudo. Já tem lá desembolso para a gente fazer as peças de comunicação visual. A gente já tem, no parque - quem não teve oportunidade ainda de ir, eu convido - nós fizemos, o passado, junto com a SOS banners explicando essa situação da

invasão biológica no parque, ele está lá numa exposição permanente, que está perto da administração. Tudo isso já pensando nessa questão que você colocou. Ela vai acontecer o tempo todo, do começo ao fim.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Mais alguma manifestação? Sem mais, vamos à votação. Os Conselheiros favoráveis à aprovação da presente proposta, permaneçam como estão. O projeto foi aprovado por unanimidade no dia de hoje. Vamos passar ao segundo item da ordem do dia: sugestão de pauta para os próximos reuniões. Vamos ceder a fala à nossa Conselheira Sueli Rodrigues.

Cons. Sueli Rodrigues - Sueli Rodrigues, Macro Leste 1. Na verdade, não é uma solicitação de pauta, é só uma fala de despedida. Hoje é minha última participação aqui nesta reunião no Conselho e em todos os Conselhos da Secretaria, por entender que a minha contribuição já foi o suficiente e entender que a minha região está precisando mais da minha participação efetiva lá. É só um agradecimento e pedir para que vocês, de fato, continuem a perceber o que acontece na periferia da cidade de São Paulo. Não vai sobrar nada, gente. A hora que alguém for tomar alguma atitude, não vai adiantar mais. Só vai ter moradia e casa sem verde não tem vida. É só uma despedida e um até breve.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Sueli, para mim é triste ouvir a despedida. Eu acho que você é uma pessoa importante, traz contribuições importantes para os debates em todos os Conselhos da Secretaria. A despeito de às vezes a gente não concordar, a despeito às vezes haver embate, é preciso de gente que traga para os Conselhos o que acontece no entorno da cidade. A cidade estava olhando muito para o centro dela mesma e a política mudou. A Secretaria vai voltar, está tentando voltar ao protagonismo de ações de vigilância e combate à ocupação irregular na periferia. Nós estamos buscando os recursos para retomar sobrevoos, estamos reestruturando a fiscalização, estamos tentando incorporar mais pessoas - GCM, PM, os próprios fiscais da Secretaria, tentando estender o braço da Secretaria, porque se a gente largar vai acabar e a ideia é que não acabe. Uma das propostas que essa gestão levou para o Prefeito é que a gente, em dez, anos passe de trinta por cento de Mata Atlântica na capital para trinta e cinco. São dezenove Ibirapueras. Cinco por cento a mais são dezenove Ibirapueras. Se continuar com esse tipo de política, não vamos chegar em lugar nenhum, nós vamos diminuir. A gente conta com você e as portas estão abertas sempre que você quiser trazer qualquer contribuição, tanto para o Gabinete quanto para os Conselhos, a porta está aberta, por favor.

Cons. Sueli Rodrigues - Deixa eu fazer um complemento, que também é um dos motivos da minha desistência da minha participação em Conselho. Eu estou desde outubro de 2017 solicitando uma inclusão de pauta aqui e no CADES e não faz sentido a sociedade civil estar aqui e ela continuar não sendo ouvida. Nós estamos aqui para dizermos só sim para o poder público. Eu acho, eu acho acredito e gostaria que vocês revissem a participação da sociedade civil dentro da Secretaria do Verde. Quem faz a coisa acontecer na cidade de São Paulo é a sociedade civil, é o sujeitinho que está lá no cantinho cuidando de uma praça, cuidando de uma árvore. Meu pedido é: saiam, por favor, um pouquinho do Gabinete, olhem para a sociedade civil, olhem para as entidades que estão totalmente abandonadas na cidade. As entidades ambientais elas não têm mais motivação para vir até o poder público fazer as coisas. Exemplo disso foi a eleição do CADES, que não tem entidades interessadas em participar, em se cadastrar, em trabalhar junto com o poder público. Por favor, Senhores, saiam dos Gabinetes, vão para a periferia, vão conversar com as entidades que estão abandonadas. Obrigada.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Sueli, só para complementar. Eu gostaria que a gente tivesse a oportunidade de continuar o trabalho junto porque a orientação mudou. É um novo governo e a proposta de reestruturação da Secretaria passa pelo caminho de mudar a forma da Secretaria agir e incentivar a participação dos Conselhos, da população, das associações de bairro, das ONGs. O poder público não dá conta de tudo, isso está claro. Uma das propostas, todas as propostas - que são quatro que a gente levou para o Prefeito - não dá para divulgar ainda que elas estão sendo construídas e virão para os Conselhos assim que tiverem prontas. Mas essencial para a gente é a participação da sociedade civil. O modelo de participação está dado. Talvez não de uma forma tão clara, porque ele começou de uma forma assim "vamos fazer a parceria no Ibirapuera". Isso é uma sinalização que a gente está transformando numa participação efetiva e num partilhamento da atividade de proteção de meio ambiente na cidade. A

Secretaria é grande, mas ela é muito pequena para o tamanho da cidade. Sem ONG, sem sociedade civil, sem cidadãos, sem Conselho de parques a gente não vai conseguir fazer. Então a gente está tentando e vai resgatar essa participação e aí espero que você volte.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Mais alguma manifestação dos Senhores Conselheiros? Eu pessoalmente também quero agradecer a Sueli por esse pouco tempo em que estivemos juntos. Aprendi muita coisa com ela e o trabalho não termina por aqui. Vou te visitar e vamos fazer muita coisa juntos nas regiões aí. O Fernando foi me representar aquele dia, esteve junto com você, viu o que estava acontecendo lá na região, fez todo um trabalho técnico para apresentar na Secretaria sobre os problemas que estão acontecendo na ponta e, sem mais, passo a palavra a nosso Chefe de Gabinete Rodrigo Ravena para finalizar a reunião no dia de hoje. *(vozes ao fundo)*

Cons. Caio Boucinhas - Caio, do IAB. Eu também lamento a saída da Sueli. Pode ser que ela volte atrás. Não? Muito bem. Eu achei a reunião importante, as falas do Ravena eu achei muito importantes nas respostas a ela, porém você citou o exemplo do Ibirapuera. O Ibirapuera tem uma centralidade e ele atrai tanto investimento que ele é muito diferente das demandas da periferia. Eu queria dizer para a Sueli que se ela sair de fato, e eu ficando no lugar dela, eu vou trazer as demandas da periferia para cá, porque eu trabalho num curso de mestrado de Urbanismo, nos programas de extensão, eu trabalho na periferia com projetos. Eu já fui diretor do DEPAVE, eu fiz projetos de parque - Pinheirinho D'Água, Jacinto Alberto etc. - e hoje eu estou às voltas com o Parque da Brasilândia, com duas mil famílias ocupando, o Parque do Bispo, com outras duas mil famílias, o Parque do Córrego Água Branca, na Lapa, com famílias - que morreu uma criança um mês atrás lá. Foram removidas, foram reocupadas e o projeto do parque não sai. E eu sei que tem dificuldades, os recursos são difíceis, mas a gente vai tem... você teria que continuar aqui para continuar trazendo essa demanda.

Rodrigo Ravena (Chefe do Gabinete) - Rodrigo Ravena. O que você falou é importantíssimo e a preocupação é essa. Não dá para pegar o modelo de um parque como o Ibirapuera e estender para parques como esses que você citou, mais Sete Campos, mais o que seja. Esse não é um modelo que cabe em cento e sete parques diversos, com diversidade biológica, com diversidade de população, com diversidade de ocupação, com diversidade de entorno e com dificuldades diferentes. Uma das propostas para o Prefeito é essa, é que a gente faça a desoneração, porque a gente não dá conta financeiramente, mas olhando para a região, olhando para o parque onde ele está e aí definindo, efetivamente, qual a função de cada parque, o que que é urbano, o que que é linear, recondicionando ou tentando fazer parque linear de verdade e por aí vai. É importante que tenha alguém aqui, que às vezes a gente não dá conta de ir para todo lugar e alguns instrumentos que a gente tinha de, pelo menos com sobrevoo, olhar o que está acontecendo na cidade inteira a gente perdeu. Estamos um ano e seis meses sem. A gente vai retomar. Ajuda? Ajuda, mas ajuda mais quem está lá olhando, ajuda muito mais quem está lá olhando. Porque traz a informação e a partir da informação a gente pode produzir alguma coisa. É essa política da Secretaria hoje. Era a mesma que era quando eu estava Secretário, ela volta da mesma forma, porque essa é a cabeça do Prefeito. Então, agradeço, espero que esteja aqui mesmo, traga as informações, faça as cobranças. A gente deve ser cobrado e deve trabalhar junto para chegar numa solução boa para a cidade.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Senhoras e Senhores, muito obrigado pela participação de todos no dia de hoje. Está finalizada a nossa reunião.

